

TRANSTORNOS ALIMENTARES E A ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR DO PSICÓLOGO NO CUIDADO INTEGRAL NA ATENÇÃO BÁSICA

Lídia Rafaella Dias Silva, Priscila Roberta de Moura, Simone Bertalia Asaka, Elisabete Cristina Carnio Beltrame.

Universidade do Vale do Paraíba/ Faculdade de Educação e Artes/Curso de Psicologia, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, lidia.dias@gmail.com, pesquisa.moura23@gmail.com, simone.bertalia@gmail.com, betecbeltrame@univap.br.

Resumo

Pesquisas abordam os transtornos alimentares como uma questão de saúde pública na atualidade. O presente estudo propõe discutir a relação dos transtornos alimentares e a atuação multidisciplinar da psicologia na promoção da saúde mental e do cuidado na atenção básica de saúde. Utilizando uma abordagem qualitativa de revisão de literatura, a pesquisa integra atividades da disciplina de Trabalho de Graduação do curso de Psicologia. Estudos revelam que este fenômeno complexo e pluridimensional é resultante de fatores socioculturais, históricos, ambientais, psicológicos, sociodemográficos, antropológicos, políticos e econômicos. No Brasil, verificou-se que o atendimento aos transtornos alimentares no sistema de saúde pública é um grande desafio, sobretudo devido à ausência de políticas públicas para a formação continuada e a especialização das equipes multidisciplinares de saúde sobre a temática. Conclui-se que é de grande relevância a promoção de pesquisas no campo das políticas públicas para o tratamento e o cuidado integral, interseccional e inclusivo na atenção básica de saúde aos pacientes com transtornos alimentares e suas famílias.

Palavras-chave: Atenção Básica de Saúde. Equipe Multidisciplinar. Psicologia. Saúde Mental. Transtornos Alimentares.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Introdução

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2022) o aumento significativo na incidência de Transtornos Alimentares (TA) na última década pode ser considerado um fenômeno complexo e multifatorial que se tornou uma problemática urgente de saúde pública na sociedade contemporânea. Pesquisas alertam que um em cada cinco jovens de 6 a 18 anos sofre de algum transtorno alimentar, estima-se que mais de 70 milhões de pessoas no mundo sofrem de transtorno alimentar (ABP, 2024; Alvarenga; Dunker; Philippi, 2020; AMBULIM, 2024; Appolinário; Nunes, 2024; Appolinário; Nunes; Cordás, 2022; Brasil, 2022b; Lenzing; Filho; Cordás, 2024; Jacobsohn, 2023; OMS, 2022; PROATA, 2024).

No Brasil, uma em cada vinte pessoas sofre ou já sofreu com algum transtorno de ordem alimentar, sendo a prevalência do aumento dos casos em adolescentes e jovens. A Associação Brasileira de Psiquiatria revela que no país em torno de 15 milhões de pessoas podem estar sofrendo de algum transtorno alimentar. Revela que no caso do gênero feminino chega a representar um terço dos casos (ABP, 2024; AMBULIM, 2024; Appolinário; Nunes, 2024; Appolinário; Nunes; Almeida, 2022; Appolinário; Nunes; Cordás, 2022; Brasil, 2022b; Fiut, 2020; Jacobsohn, 2023).

Norteadas pela responsabilidade teórica-metodológica, a presente pesquisa qualitativa teve como objetivo propor e possibilitar uma discussão social crítica e reflexiva sobre a complexa relação do fenômeno sociocultural e multifatorial dos transtornos alimentares e qual a importância na atuação da Psicologia no âmbito da saúde mental para a promoção em rede do cuidado integral e interseccional junto aos pacientes e suas famílias.

Metodologia

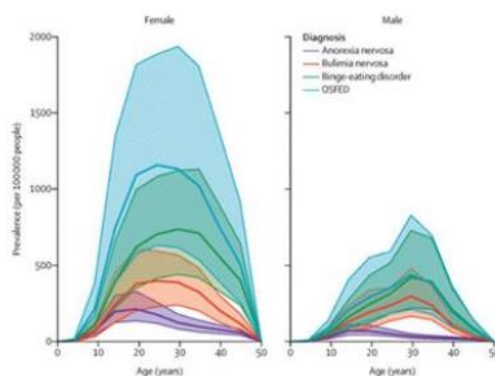
Esta pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa de revisão narrativa de literatura exploratória e integra atividades da disciplina de Trabalho de Graduação do curso de Psicologia. O objetivo do estudo foi aprofundar a discussão sobre os transtornos alimentares e as políticas públicas voltadas ao cuidado de pacientes e familiares no âmbito da atenção básica. Para tanto, foram utilizadas fontes secundárias no campo da psicanálise, contemplando obras literárias e artigos científicos. Segundo Baptista e Campos (2016) e Breakwell *et al.* (2010), a revisão narrativa de literatura possibilita a descrição e discussão de um tema a partir de uma análise teórica e contextual da literatura disponível. A busca foi realizada em bases de dados como Google Acadêmico, PubMed, PePsic, Medline, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) através dos descritores de busca “Atenção Básica de Saúde”, “Equipe Multidisciplinar”, “Psicologia”, “Saúde Mental” e “Transtornos Alimentares”. Conforme Rother (2007), esse tipo de investigação visa reunir e analisar produções já existentes, de modo a fundamentar teoricamente os objetivos do estudo e subsidiar futuras discussões no campo.

Discussão e Resultados

Os transtornos alimentares (TA) são considerados por especialistas uma problemática de saúde pública das sociedades contemporâneas. As principais diretrizes internacionais de tratamento dos TA recomendam a psicoterapia como intervenção principal ou complementar ao tratamento em equipe multidisciplinar composta por médicos, psicólogos, nutricionistas e demais profissionais da saúde (ABP, 2021, 2024; Alvarenga; Dunker; Philippi, 2020; AMBULIM, 2024; Appolinário, 2019; Appolinário; Nunes, 2024; Appolinário; Nunes; Almeida, 2022; Appolinário; Nunes; Cordás, 2022; Brasil, 2022a, 2022b, 2025; Lenzing; Filho; Cordás, 2024; Fiut, 2020; Jacobsohn, 2023; PROATA, 2024).

De acordo com o DSM-5-TR (APA, 2023), os Transtornos Alimentares (TA) são considerados quadros psiquiátricos complexos e caracterizados por severa perturbação do comportamento alimentar, sendo os critérios diagnósticos baseados em características psicológicas, comportamentais e fisiológicas. Atualmente os critérios diagnósticos são estabelecidos pelos profissionais de psiquiatria utilizando como suporte teórico dois instrumentos de Saúde Mental como o Código Internacional de Doenças (CID-10, CID-11) e o Manual de Estatísticas de Doenças Mentais (DSM-5-TR). Dados epistemológicos divulgados pelo CEPPAN (Clínica Cybelle Weinberg de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da Anorexia e Bulimia) localizado na cidade de São Paulo, alertam que dentre 298 pacientes atendidos, dos quais 274 receberam atendimento em psicoterapia psicanalítica 59% vieram das classes baixa e média baixa. Atualmente atende-se no CEPPAN majoritariamente meninas entre 11 anos (97%) e 16 anos (88%) (Jacobsohn, 2023).

Gráfico 1 - Prevalência global por diagnóstico de transtorno alimentar, sexo e idade em 2019



Fonte: Santomauro, 2021.

Em âmbito nacional, observa-se a carência de políticas públicas que garantam atendimento especializado em saúde mental para pacientes com transtornos alimentares (TA). As pesquisas recentes demonstram o crescimento contínuo da demanda por tratamento nos serviços públicos,

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

sobretudo entre jovens do sexo feminino, atravessando diferentes estratos socioeconômicos e apresentando sofrimento psíquico vinculado aos sintomas alimentares (ABP, 2021, 2024; Appolinário; Nunes; Cordás, 2022; Appolinário; Nunes, 2024; Jacobsohn, 2023; Santomauro, 2021).

O itinerário terapêutico se inicia, em geral, na Atenção Básica, que funciona como porta de entrada, cabendo aos profissionais a triagem, acolhimento e encaminhamento quando há suspeita clínica. Identificada a demanda, o paciente é direcionado à atenção especializada, onde se realiza uma avaliação mais minuciosa, com vistas à definição diagnóstica, análise da gravidade dos sintomas e consideração do suporte familiar. O tratamento, em sua maior parte, ocorre em nível ambulatorial, a partir de uma equipe multiprofissional que articula intervenções médicas, psicológicas e nutricionais (Appolinário; Nunes; Cordás, 2022; Appolinário; Nunes, 2024; Lenzing; Filho; Cordás, 2024; Val; Carvalho; Campos, 2015). De acordo com Appolinário, Nunes e Cordás (2022), a organização da rede de atenção segue a lógica de níveis escalonados de cuidado, orientados para a integralidade da assistência em saúde mental no campo dos transtornos alimentares (TA).

Figura 1 - Modelo de organização dos níveis de atenção à saúde aos pacientes com Transtornos Alimentares



Fonte: Appolinário, Nunes e Cordás, 2022.

Segundo Lenzing, Filho e Cordás (2024), a abordagem psicoterapêutica constitui eixo central no tratamento dos transtornos alimentares, sendo recomendada como intervenção principal pelas diretrizes internacionais, em associação ao trabalho de equipes multiprofissionais que incluem o cuidado aos pacientes e a seus familiares (Lenzing; Filho; Cordás, 2024; Souza; Santos, 2012; Val; Carvalho; Campos, 2015). No contexto das políticas públicas brasileiras, a Atenção Básica exerce o papel de porta de entrada, enquanto a Atenção Secundária possibilita, especialmente através do psicólogo, uma escuta clínica voltada à singularidade da história do sujeito e às suas relações sociais (Brasil, 2022a; CFP, 2019, 2022). A atuação do psicólogo, fundamentada no compromisso ético com a práxis, cria espaços de acolhimento e de escuta empática, favorecendo a construção de vínculos transferenciais, o apoio emocional e o cuidado integral. Nesse sentido, a clínica dos transtornos alimentares convoca a integração entre dimensões subjetivas e sociais, destacando-se como um campo em que a escuta psicanalítica se mostra essencial para sustentar processos terapêuticos e vínculos de confiança. (Brasil, 2022a, 2025; CFP, 2019, 2022; Lenzing; Filho; Cordás, 2024; Pedrosa *et al.*, 2019; Souza; Santos, 2012; Val; Carvalho; Campos, 2015).

Lenzing, Filho e Cordás (2024), em seus estudos verificaram que

Atualmente 70% dos pacientes com transtornos alimentares (TA) apresentam comorbidades psiquiátricas, sendo um grande desafio os clínicos conseguirem oferecer um tratamento exclusivamente para os transtornos alimentares (TA), sem interrupção do foco nos transtornos alimentares ou implementar com estratégias de outros tratamentos para estabilização da comorbidade (Idem, 2024).

Segundo Duchesne, Campos e Pereira (2019), o papel do psicólogo no tratamento dos transtornos alimentares é de grande importância pois contribui na implementação de técnicas e métodos psicoterapêuticos, tanto no formato individual como em grupo, que possibilitam promover maior adesão e engajamento do paciente e familiares ao tratamento realizado pela equipe multidisciplinar (Appolinário; Nunes; Cordás, 2022; Duchesne; Campos; Pereira, 2019; Lenzing; Filho; Cordás, 2024; Pedrosa *et al.*, 2019; Souza; Santos, 2012). A atuação do psicólogo na clínica dos transtornos alimentares (TA) envolve não apenas o manejo sintomatológico, mas também a criação de espaços de

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

escuta e acolhimento que favoreçam a construção da autoestima, a elaboração das relações interpessoais e a conscientização nas escolhas do paciente. Tais objetivos remetem à necessidade de intervenções que fortaleçam a adesão e o engajamento no tratamento, especialmente no que se refere à relação com a imagem corporal, à internalização de práticas alimentares mais saudáveis e à ressignificação do sofrimento psíquico associado à experiência do corpo (Pedrosa *et al.*, 2019; Val; Carvalho; Campos, 2015).

Na elaboração do Projeto Terapêutico Singular (PTS), torna-se imprescindível que o psicólogo considere os fatores de risco multicausais — que abrangem aspectos biográficos, familiares, econômicos e socioculturais —, articulando-os à manifestação sintomática e à história de vida do sujeito (Appolinário; Nunes; Cordás, 2022; Appolinário; Nunes, 2024; Brasil, 2022a; CFP, 2019, 2022; Duchesne; Campos; Pereira, 2019; Souza; Santos, 2012; Val; Carvalho; Campos, 2015). Na atenção básica em saúde mental, o psicólogo desempenha funções que vão desde o acolhimento e a escuta qualificada até a realização de atendimentos individuais, grupais e familiares, além da condução de grupos terapêuticos e oficinas (Brasil, 2022a, 2025; CFP, 2019, 2022). Tais práticas pelo profissional exigem articulação em rede e integração multiprofissional, de modo a contemplar avaliação clínica, planejamento terapêutico e intervenções psicoterapêuticas ajustadas às singularidades de cada sujeito. O manejo junto aos pacientes com transtornos alimentares convoca o profissional de psicologia a considerar não apenas a dimensão sintomática, mas também a experiência subjetiva, os vínculos e as marcas do desamparo, oferecendo um espaço de elaboração psíquica que possibilite a reconstrução da relação do paciente com seu corpo, sua história e seus laços sociais. (Brasil, 2022a, 2025; CFP, 2019, 2022; Dáquer; Duchesne; Simão 2019; Duchesne; Campos; Pereira, 2019; Pedroza *et al.*, 2019; Souza; Santos, 2012; Val; Carvalho; Campos, 2015).

O tratamento e o cuidado dos transtornos alimentares requerem que o psicólogo valorize a singularidade de cada paciente, adotando intervenções terapêuticas individualizadas que favoreçam a escuta ativa e a construção de vínculos. A psicoterapia, tanto individual quanto em grupo, possibilita espaços de reflexão, aconselhamento e elaboração subjetiva, promovendo autonomia e autoconfiança. Tais dispositivos incentivam mudanças conscientes, maior adesão ao tratamento e escolhas mais saudáveis. Nesse contexto, o Projeto Terapêutico Singular (PTS) constitui uma estratégia fundamental, pois articula diálogo, decisão compartilhada e responsabilização, permitindo respostas mais adequadas à complexidade clínica. Ao sustentar a dimensão subjetiva do sintoma, o Projeto Terapêutico Singular (PTS) integra os aspectos psíquicos, familiares e sociais, promovendo um cuidado ético e humanizado (Dáquer; Duchesne; Simão 2019; Duchesne; Campos; Pereira, 2019; Lenzing; Filho; Cordás, 2024; Pedroza *et al.*, 2019).

Segundo Souza e Santos (2012), a inclusão da família no Projeto Terapêutico Singular (PTS) configura-se como um recurso essencial no manejo dos transtornos alimentares, na medida em que possibilita um espaço de escuta ativa, acolhimento e construção de confiança. Ao oferecer dispositivos terapêuticos voltados à família, o psicólogo favorece a emergência de uma estrutura organizadora capaz de sustentar angústias, medos e dilemas, promovendo maior clareza comunicativa e fortalecimento dos vínculos afetivos (Dáquer; Duchesne; Simão 2019; Duchesne; Campos; Pereira, 2019; Souza; Santos, 2012; Val; Carvalho; Campos, 2015). Essa abordagem amplia a possibilidade de elaboração dos conflitos, permitindo que os familiares desenvolvam estratégias adaptativas diante do sofrimento psíquico e descubram novos recursos para lidar com as demandas pulsionais e relacionais. Nesse sentido, o espaço destinado à família não se limita ao suporte, mas busca fomentar mudanças significativas na dinâmica familiar, contribuindo para a construção de relações mais saudáveis. Ademais, tal prática possibilita a ampliação da rede de relações intra e extrafamiliares, frequentemente empobrecidas pela sobrecarga dos conflitos domésticos, o que reforça a importância de integrar o núcleo familiar como parte constitutiva do processo terapêutico (Dáquer; Duchesne; Simão 2019; Duchesne; Campos; Pereira, 2019; Souza; Santos, 2012; Val; Carvalho; Campos, 2015).

O manejo do grupo terapêutico, no contexto dos transtornos alimentares, deve favorecer um espaço de escuta, acolhimento e apoio que permita aos participantes desenvolverem autonomia na construção de novas formas de relação. A experiência grupal, ao valorizar a singularidade de cada sujeito, potencializa a criação de vínculos emocionais mais saudáveis e significativos. Nesse dispositivo, o compartilhamento de vivências e percepções possibilita a construção de sentidos acerca do transtorno e das dinâmicas familiares. O grupo, portanto, funciona como um espaço privilegiado para a elaboração coletiva, no qual a desconstrução e reconstrução de significados contribuem para novas possibilidades de existir, ampliando recursos subjetivos e fortalecendo a capacidade de enfrentamento dos

participantes (Appolinário; Nunes; Cordás, 2022; Lenzing; Filho; Cordás, 2024; Pedroza *et al.*, 2019; Souza; Santos, 2010, 2012).

Conclusão

A análise evidencia a necessidade de uma abordagem aos transtornos alimentares que transcenda o modelo biomédico e hospitalar, destacando a importância da atuação multidisciplinar da Psicologia nas políticas públicas de saúde mental. Sob a perspectiva da saúde mental, os transtornos alimentares não se restringem a distúrbios alimentares, mas manifestam conflitos subjetivos profundos ligados ao desamparo e à constituição do eu. O cuidado clínico, portanto, deve integrar dimensões psíquicas, relacionais e sociais, promovendo atenção integral e sensível à singularidade de cada paciente. Intervenções psicoterapêuticas, realizadas individualmente ou em grupo, fortalecem vínculos familiares, favorecem a descoberta de potencialidades e estimulam o protagonismo dos familiares como cuidadores, consolidando práticas inclusivas e interseccionais. A atuação em rede permite articular ações de promoção da saúde mental, inclusão social e segurança alimentar, reafirmando a importância da práxis do psicólogo na integralidade do cuidado. Tal enfoque evidencia que o sucesso terapêutico depende da compreensão do sujeito em suas múltiplas dimensões e de políticas públicas que valorizem a escuta, a singularidade e a participação ativa da família no processo de cuidado.

Conclui-se que o atendimento aos transtornos alimentares requer uma abordagem holística, integrando atenção básica, políticas públicas e formação contínua de equipes multidisciplinares, visando cuidado especializado, integral e interseccional. É essencial que tais políticas reconheçam e valorizem o conhecimento local, proporcionando suporte psicológico e social aliado a tratamento de qualidade. A atuação coordenada fortalece vínculos familiares, promove inclusão social e assegura atenção centrada na singularidade de cada paciente, ampliando a efetividade do cuidado em saúde mental.

Referências

APA - American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR**. 5.ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ALVARENGA, Marle dos Santos; DUNKER, Karin Louise Lenz; PHILIPPI, Sonia Tucunduva. **Transtornos alimentares e nutrição: da prevenção ao tratamento**. São Paulo: Manole, 2020.

AMBULIM. **Programa de Transtornos Alimentares – AMBULIM**. Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (IPQ-FMUSP– AMBULIM) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

APPOLINARIO, Jose Carlos. Edição Especial sobre Transtornos Alimentares. **Revista Debates in Psychiatry**, ano 9, n. 3, jul./set, 2019.

APPOLINARIO, Jose Carlos Borges; NUNES, Maria Angélica Antunes; ALMEIDA, Mireille Coêlho de. Dia mundial de ação dos transtornos alimentares: cuidando de quem cuida. **Publicações ABP documentos e vídeos - ABP Publications documents and videos**, Rio de Janeiro, v. 9, 31 maio 2022.

APPOLINÁRIO, José Carlos Borges; NUNES, Maria Angélica Antunes. A epidemia dos transtornos alimentares. **Publicações ABP documentos e vídeos - ABP Publications documents and videos**, Rio de Janeiro, 23 jul. 2024.

BAPTISTA, Makilim Nunes; CAMPOS, Dinael Corrêa de. **Metodologia de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Comissão de Transtornos Alimentares. **Publicações ABP documentos e vídeos - ABP Publications documents and videos**. Rio de Janeiro, 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. **Instrutivo Técnico da Rede de Atenção Psicossocial (Raps) no Sistema Único de Saúde (SUS)**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Ações Programáticas, Brasília: Ministério da Saúde, 2022a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Mais de 70 milhões de pessoas no mundo possuem algum distúrbio alimentar: Anorexia nervosa e a bulimia estão relacionadas a maiores taxas de mortalidade dentre os transtornos mentais.** Brasília, DF: Ministério da Saúde/Saúde Mental, 03 nov. 2022b.

_____. **Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).** Ministério da Saúde: Atenção Especializada à Saúde, Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, Rede Atenção Psicossocial (RAPS), Brasília:DF, 2025.

BREAKWELL, Glynis M. *et al.* **Métodos de pesquisa em psicologia.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(as) na Atenção Básica em Saúde.** Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas, Brasília:DF, 2019.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais.** 3 ed. Artmed, 2018.

DÁQUER, Adriana F. C.; DUCHESNE, Mônica; SIMÃO, Cristiane. A importância da abordagem familiar no tratamento dos transtornos alimentares. **Revista Debates in Psychiatry**, ano 9, n. 3, p. 32-38, jul./set, 2019.

DUCHESNE, Mônica; CAMPOS, Marianna Coelho; PEREIRA, Maene Cristine Bento. Intervenções psicológicas no tratamento dos transtornos alimentares. **Revista Debates in Psychiatry**, ano 9, n. 3, p. 44-50, jul./set, 2019.

FIUT, Maria Angélica. **Doenças contemporâneas relacionadas à alimentação: contribuições da psicanálise.** Curitiba, Paraná: Editora Appris, 2020.

JACOBSON, Patricia Gipsztein. **Psicanálise de Transtornos Alimentares: Volume III.** CEPPAN, São Paulo: Primavera Editorial, 2023.

LENZING, Felipe Augusto de Lima S.; FILHO, Raphael Cangelli; CORDÁS, Táki Athanássios. **Manual de Psicoterapias dos Transtornos Alimentares.** Barueri, SP: Editora Manole, 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **OMS divulga novas estatísticas mundiais de saúde.** Genebra: Organização Mundial da Saúde, 20 maio 2022.

PEDROSA, Maria Amália Accari *et al.* Aspectos gerais da avaliação e tratamento dos transtornos alimentares. **Revista Debates in Psychiatry**, ano 9, n. 3, p. 14-23, jul./set, 2019.

PROATA. **O Núcleo de Atenção aos Transtornos Alimentares (PROATA).** PROATA 30 anos, Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/EPM) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2024.

SANTOMAURO, Damian F. *et al.* O fardo oculto dos transtornos alimentares: uma extensão das estimativas do *Global Burden of Disease Study* 2019. **The Lancet Psychiatry**, v. 8, Edição 4, p.320 – 328, 2021.

SOUZA, Laura Vilela e; SANTOS, Manoel Antônio dos. Familiares de Pessoas Diagnosticadas com Transtornos Alimentares: Participação em Atendimento Grupal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 3, p. 325-334, jul-set. 2012.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

VAL, Alexandre Costa; CARVALHO, Maria Bernadete de; CAMPOS, Rosana Tereza Onocko. Entre o singular e o coletivo: a experiência de um serviço na abordagem das anorexias e bulimias. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 25, p. 99-119, 2015.